

Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia

Elton Antunes

Resumo: O artigo aborda a teoria dos frames aplicada ao jornalismo no que se refere à problemática da temporalidade. Identificamos e analisamos determinadas noções de tempo que aparecem referidas nessa vertente teórica. Constatamos, na linha de autores como Mouillaud, que em várias das abordagens a questão do enquadramento prende-se aos conteúdos dos acontecimentos, da sua identidade, e não das regras que transformam uma ocorrência em acontecimento, em notícia. A própria temporalidade é assumida como um dos traços de identidade dos acontecimentos, como uma dimensão do seu conteúdo.

Palavras-chave: jornalismo; enquadramento; temporalidade.

Abstract: *Framing: remarks about temporal perspectives for news.* This paper discusses the framing theory applied to journalism insofar as it concerns the issue of temporality. We identify and analyze certain notions of time that referred to in this theoretical approach. Along the lines of authors such as Mouillaud, we find that many approaches tie the issue of framing to the content of events, to their identity, rather than to the rules that transform an event into a news item. Temporality itself is seen as one of the features of identity of events, as a dimension of their content.

Keywords: journalism; framing; temporality.

“A imagem mnêmica e a representação do tempo num dado indivíduo dependem do nível de desenvolvimento das instituições sociais que representam o tempo e difundem seu conhecimento, assim como das experiências que o indivíduo tem delas desde a mais tenra idade”. (Elias, 1998, p.15)

A notícia é um dos sinais temporais utilizados pela sociedade para sua orientação. O jornalismo é uma dessas instituições sociais que atua como quadro de referência para constituir aquilo que se entende por tempo. Mas, funcionando como um quadro de referência, talvez não seja mais tão adequada a idéia de tempo jornalístico corriqueira

e banal atribuída à notícia. Se já houve um momento em que o valor temporal de uma notícia era medido na razão direta entre o tempo de ocorrência do acontecimento e sua apropriação pelo leitor, é preciso dizer que os dois termos da equação tornaram-se altamente instáveis.

Por um lado, o acontecimento não aparece, do ponto de vista temporal, como tão facilmente delimitável. Na representação contemporânea do que seja uma notícia, o acontecimento jornalístico se esparrama sobre diferentes temporalidades e tem seu início e fim como pontos de flutuação de operações sujeitas ao contexto sócio-cultural, à própria dinâmica editorial e às modalidades narrativas que irão representá-lo. E, ainda que o circuito coleta, produção, difusão tenha se tornado potencialmente mais reduzido em termos de tempo gasto, por outro lado, quando da apropriação pelo leitor, o acontecimento jornalístico faz sua aparição crivado de outras visadas – e temporalidades – do ambiente midiático.

Tal articulação entre temporalidade e notícia, no discurso da prática jornalística, em grande parte das reflexões teóricas e na percepção do senso comum, sempre é invocada como central ao entendimento do que é jornalismo. Central e pouco problemático, o tempo é então invocado recorrentemente para dar conta dos cenários da informação nas mídias: o direto na TV; o tempo real na web; o elogio da “lentidão” no jornal. A idéia do tempo, entretanto, menos explica do que justifica as condições atuais de organização do discurso jornalístico, e carece de ganhar mais precisão teórica e metodológica.

A nosso ver, o discurso jornalístico pode ser entendido como um dos dispositivos sociais que operam na produção de regimes de historicidade, no sentido pensado por Hartog de formas de enquadramento da experiência do tempo que conformam modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo (2005). Nesse artigo pretendemos apresentar alguns marcos conceituais que permitam tratar da articulação entre temporalidade e notícia sob a perspectiva de abordagens das teorias do enquadramento no campo do jornalismo.

Pensando os enquadramentos

Podemos dizer que a interpretação do mundo feita pelos diferentes agentes sociais e tipificada pelo jornalista por meio da notícia se baseia em um “acervo de experiências prévias” que funcionam como um esquema de referências, a partir de uma espécie de “conhecimento à mão”. Tais referências nos aparecem como típicas – atinentes a referências similares antecipadas. O jornalista, quando identifica um evento noticiável, mobiliza uma cadeia de percepções, que vão do repertório de sua experiência individual até as molduras produzidas à escala da sua comunidade interpretativa profissional e àquelas molduras pré-definidas no âmbito do meio em que trabalha (editorias, linha editorial, linguagem do veículo etc.). Trata-se de estabelecer um quadro, de se perguntar que evento é este,

que notícia será esta, para verificar o grau de conformidade com outros acontecimentos jornalísticos, identificando o seu grau de tipicidade e singularidade.

A idéia de enquadramento (*frames*), derivada de uma sociologia preocupada em compreender como os indivíduos classificavam e organizavam suas experiências de vida para a elas atribuir sentido – como produziam “esquemas de interpretação” ou “quadros de sentido” (Goffman, 1974) – ganhou papel de destaque no campo da comunicação, em particular nos estudos do jornalismo, há mais de trinta anos. Tuchman (1978) inaugura toda uma vertente de análise que vem se adensando e adquirindo maior consistência teórica nas últimas décadas, sobretudo em áreas de interface como a das relações entre mídia e política (Porto, 2004). Em geral, os *frames* serão tratados como recursos simbólicos que asseguram aos atores a atribuição de inteligibilidade e pertinência ao seu mundo social. (Quéré, 1992; Scheufele, 2006)

Mas, no âmbito do jornalismo, como distinguir e o que caracteriza os *frames*? Numa abordagem que integra aspectos sociológicos e psicológicos, segundo Scheufele (2006), os “enquadramentos” têm sido reconhecidos em três áreas e conceituados também em três dimensões analíticas. Em geral, os autores localizam os *frames* no interior dos sistemas de mídia, incluindo as relações entre os jornalistas e o ambiente das redações; junto aos receptores das mensagens midiáticas; e entre os atores, grupos e organizações dos diferentes campos sociais. Em termos de análise, os *frames* operam em níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discursos que aparecem em uma condição pública. Nesse sentido, os investigadores percebem os enquadramentos

“(1) como um complexo cognitivo de esquemas de assuntos relacionados para diferentes aspectos da realidade, (2) estabelecidos no discurso público, político ou entre-mídias, e (3) tornando-se manifesto como uma estrutura textual de mensagens tais como em *press releases* e artigos de jornal” (Scheufele, 2006, p.66)

Anabela Carvalho (2000) também distingue três abordagens gerais para a noção de *frame*. A primeira trata dos enquadramentos como modalidades pelas quais os sujeitos organizam sua cognição do mundo. As informações fragmentárias que compõem a experiência social são significativamente organizadas a partir de esquemas de interpretação. Uma segunda concepção trata de *frames* como formas ligadas à estruturação do discurso, uma espécie de idéia de fundo que, a partir de determinados elementos postos em destaque, organiza a construção e interpretação dos textos. Por fim, *frame* tem também sido entendido como outra idéia de representações sociais, modelos sócio-culturais que organizam formas de pensamento sobre o mundo.

De Vreese (2005), numa perspectiva da chamada análise crítica do discurso, trabalha com a noção de *framing* como um processo que supõe um modelo integrado entre produção, conteúdos e a perspectiva de uso das mídias. Nesse sentido, o “enquadramento” deve ser projetado como recurso analítico de uma visão não estática do processo comunicativo,

ou seja, os *frames* podem operar em lugares e com papéis distintos: podem pertencer ao universo dos diferentes interlocutores da comunicação (produtor, receptor), situarem-se no âmbito da construção textual ou fundarem-se no elemento mais geral da cultura. São diferentes os estágios e níveis nos quais essa categoria pode repousar. Duas instâncias são identificadas para efeito de análise: o momento da construção e o momento de “ajuste” do enquadramento. O primeiro momento, o “*frame-building*”, diz respeito aos fatores internos que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias, em particular as concepções e entendimentos com as quais operam a comunidade profissional e as organizações produtivas, e aos fatores externos, que dizem respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais. Tais fatores estarão fundamentalmente manifestos no texto da notícia. Já o segundo momento, o do *frame-setting*, trata-se da relação entre essa moldura engendrada no campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pelos agentes sociais, aquilo que nos termos de Charaudeau (2006) chamaríamos de o saber compartilhado pelos interlocutores, distinguidos em saberes de conhecimento – fundados em uma representação racionalizada dos fenômenos do mundo – e os saberes de crença – apoiados em juízos que fabricam normas de referência para ação no mundo.

O fato é que no estágio atual das pesquisas com enquadramento, em que os *frames* aparecem ora como variáveis dependentes, quando resultado do processo de produção jornalística – as teorias do *newsmaking* são, nesse sentido, edifícios teóricos incontornáveis – ou como variáveis independentes, quando articulam os elementos de interpretações que organizam as audiências, o esforço tem sido por certa síntese teórica (ver figura 1). Diferentes autores indicam perspectivas mais profícuas quando a análise aponta para uma combinação de tais abordagens (De Vreese, 2005)¹.

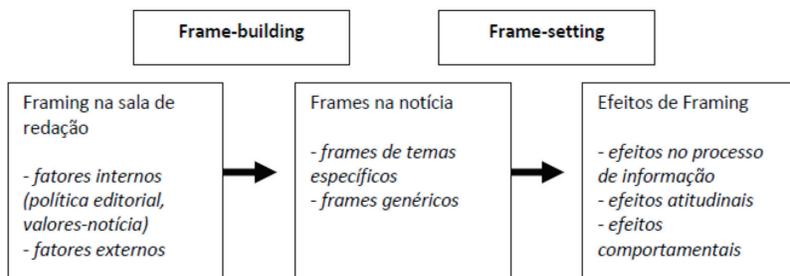


Figura 1: Um processo integrado do modelo de *framing* (De Vreese, 2005)

¹ A tentativa de uma síntese no quadro de pesquisas sobre *news framing* não impede a constatação de que nas diferentes abordagens analíticas operam distintos paradigmas como o construtivista, o crítico, o cognitivista. Sobre isso ver D’Angelo (2002).

Os frames e as notícias

Segundo Tuchman (1993), os jornalistas produzem tipificações baseados nas ocorrências de eventos que podem se transformar em notícias. Tipificações são classificações com fundamentos em esquemas da prática jornalística. As tipificações, segundo Tuchman, “estão ancoradas ou encaixadas no uso do tempo” e isto produz as notícias como histórias, assim como a ancoragem e o encaixe das tipificações no espaço geram os critérios de noticiabilidade, “conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável” (TRAQUINA, 2005, p63). Sem discutirmos aqui a pertinência da distinção entre tipificações no tempo e no espaço, claro é que, para Tuchman, aquilo que adquire o “status de notícia só é dado às ocorrências que se situam no interior de espaços e tempos supostos legítimos pelos profissionais” (Mouillaud, 1997, p.55), as notícias não se marcam apenas pelo conteúdo objetivamente atribuído ao evento reportado. Estudos contemporâneos demonstram que os critérios de noticiabilidade “invadem” todo o processo de produção e não se restringem a fatores individuais, alcançando inclusive os processos de interpretação acionados pelos leitores. Para Eilders (2006) tais processos permitem supor que a noticiabilidade esteja vinculada a “esquemas de relevância” que dirigem não apenas os processos seletivos da comunidade dos jornalistas, mas também os processos de atenção dos receptores.

O fundamental é que, na perspectiva das teorias do jornalismo, o fator tempo aparece como um quadro explicativo para dizer porque uma dada comunidade profissional (jornalistas), em um dado ambiente organizacional (as organizações jornalísticas), no interior de um dado processo de produção (as práticas jornalísticas), produz um tipo específico de produto (as notícias). O tempo é uma espécie de “liga” que articula esses diferentes elementos. A “cronamentalidade” (SCHLESINGER, 1993), a “periodicidade”, o “imediatismo” e a “atualidade” aparecem assim como facetas desse sistema articulado para “capturar” os acontecimentos do mundo ou, na acepção de Traquina (2005) e Tuchman (1978), explicam porque o relato jornalístico caracterizado nas notícias é, predominantemente, “orientado para o acontecimento” e não orientado para problemáticas”.

É, nesse sentido, clássica a categorização de notícia proposta por Tuchman a partir da compreensão que a própria comunidade jornalística tem do assunto (1978, p.46): “*hard, soft, spot, developing, and continuing*”. *Hard news* e *soft news* seriam definições básicas e antitéticas produzidas pelos praticantes: a primeira se reportaria a conteúdos que “organizariam” a vida das pessoas e as notícias *soft* tratariam de eventos que tocam a existência humana. As demais categoriais (*spot, developing* e *continuing*) são constituídas a partir de critérios como urgência e duração para reportagem dos eventos, ou seja, de um esquema de classificação que situa eventos-notícia numa ordem temporal. *Spot* versa sobre a emergência de uma ruptura, algo que irrompe e modifica uma dada seqüência

ou fluxo. É da ordem do inesperado. Sua cobertura continuada, ou a geração de um critério para tipificação de novos eventos, a transforma em *developing news*. Alcançado certo patamar de *newsworthiness*, um grau de previsibilidade do valor-notícia, teríamos as *continuing stories*.

Para ultrapassar essa tipologia ingênua da comunidade profissional, Tuchman, apoiando-se nas formulações do interacionismo de Goffman, propõe abordar as notícias como *framing*.

Tuchman sustenta essa categorização de notícia como enquadramento no ritmo temporal, em torno de questões como irrupção do evento, a urgência da disseminação da notícia, as influências da tecnologia disponível e a possibilidade de as prever. Assim, as *soft news* são notícias cuja data de publicação seria decidida pelos profissionais, ao contrário das restantes. As *hard news* são feitas sob grande pressão do tempo, de caráter previsível ou imprevisível e disseminação urgente; as *spot news* e as notícias de desenvolvimento são também imprevisíveis, ao contrário das histórias de continuidade. (Ponte, 2005, p.129)

Várias objeções teóricas podem ser feitas à abordagem que se desenvolve a partir da matriz proposta por Tuchman. Para além de um molde que permite estabelecer temporalidades a partir do ciclo de produção da notícia, devemos lembrar outros quadros temporais que intervêm na experiência social e também na construção da notícia. As figuras comuns do tempo, no seu sentido prático, implicam medida, datação, uma base cronológica. Mas não se podem homogeneizar noções como de intervalo, sucessão, causalidade do tempo físico, o tempo psicológico, o tempo histórico e mesmo lingüístico, que também compõem o regime de temporalidade do ciclo de produção da notícia, em uma figura unidimensional (Adam, 2003; Nunes, 1988).

“A idéia de tempo é conceitualmente múltipla; o tempo é plural em vez de singular. Entretanto, suas várias modalidades não são díspares; embora com alcance diferente, a todas se aplicam as noções de ordem (sucessão, simultaneidade), duração e direção, que recobrem, em vez de uma identidade, relações variáveis entre acontecimentos, ora com apoio nos estados do mundo físico, ora nos estados vividos, ora na enunciação lingüística, nas condições objetivas da cultura, nas visões de mundo e no desenvolvimento social e histórico. (Nunes, 1988, p.23)

A redução da noção de tempo no *framing* de Tuchman tem a ver, do nosso ponto de vista, com a crítica feita por Mouillaud (1997, p.57) de que a questão do enquadramento prende-se fortemente aos conteúdos dos acontecimentos, da sua identidade, e não do sistema de regras que transformam uma ocorrência em acontecimento, em notícia. A própria temporalidade é assumida como um dos traços de identidade dos acontecimentos, como uma dimensão do seu conteúdo. Seria, entretanto, essencial pensar o regime temporal como uma espécie de “predicado” que vai além de cada critério de noticiabilidade em especial, mas que perdura em cada um deles. Vejamos, pois, outras perspectivas de análise

que aproximam *framing* e a questão da temporalidade.

Media frames e audience frames

Diversos autores apontam que o uso crescente da noção de enquadramento (*framing*) é acompanhado por uma significativa inconsistência em sua aplicação (D'Angelo, 2002; Scheufele, 1999; de Vreese, 2005). D'Angelo argumenta que é possível caracterizar um "núcleo duro" empírico e teórico na *news framing research*. Em termos de empiria, é um campo de pesquisa que pretende alcançar quatro objetivos: 1) identificar os *frames* como unidades temáticas; 2) investigar as condições que levam à produção dos *frames*; 3) examinar como os *news frames* interagem com o conhecimento prévio das audiências; 4) avaliar como os *frames* atuam em um processo social de construção da opinião pública. (D'Angelo, 2002, p. 873). De um ponto de vista teórico, supõe-se que os *frames* operam também em quatro lugares distintos no processo de comunicação: ao nível dos produtores de mensagem, do texto, dos receptores e no campo mais amplo da cultura.

No que se refere à questão do conteúdo, os *news frames* são parte das notícias: reúnem no seu interior diferentes elementos textuais (texto entendido aqui em sentido amplo) e o *frame* atua como uma espécie de "liga" que articula tais objetos. O *frame* não se confunde com assuntos de uma notícia mas, agindo no âmbito do processo de composição do relato, informa vários níveis do processo de referencialização da realidade. Os *news frames* interagem com o comportamento cognitivo e social e atuam também como um conhecimento prévio para compreensão das notícias, além de enquadrarem o debate público sobre diferentes temas (D'Angelo, 2002)

Em geral os estudos dão conta dos processos de influência da chamada mídia na conformação da opinião em sociedade, basicamente apresentando a maneira como os meios de comunicação massivos dispõem temas e assuntos para discussão, focando sua análise ou nos "conteúdos" que atuam como "quadros" para que se forme a opinião, ou nos efeitos que tais enquadramentos têm para estimular uma dada conversação social. Há trabalhos que fazem uma utilização metafórica da noção de *framing* e a distinção entre as diferentes naturezas de enquadramento é muitas vezes negligenciada, adquirindo certa irrelevância teórica. Uma das características dessa inconsistência teórica no tratamento da noção de *frame* é que, recorrentemente, ela aparece de maneira similar às idéias de esquema e *script*.

Em tentativas de melhor desenvolver o conceito, Dietram Scheufele (1999), de Vreese (2005) e Bertram Scheufele (2006) apontam a pertinência da distinção entre *frames* dos meios e *frames* das audiências, o primeiro dizendo respeito aos atributos das notícias e o segundo às modalidades de operação cognitiva no campo da audiência. Os *media frames* tratam daqueles aspectos que concernem à realidade dos meios e os *audience frames* avaliam possíveis efeitos cognitivos individuais junto à audiência provocados pela

ação da mídia. No primeiro caso a discussão gira em torno da maneira como a notícia é apresentada e no segundo de que forma o público lida e compreende tais esquemas de interpretação. Compreende-se assim que, ainda que atuando de maneira similar – como enquadramentos ou molduras que oferecem um quadro de sentido e uma interpretação, com um objetivo prático, a compreensão dos eventos do mundo e qualificação das diferentes modalidades da experiência social –, os *frames* operam distintamente caso digam respeito às diferentes instâncias discursivas qualificadas no processo de comunicação. Tal aspecto não deve, entretanto, nos fazer esquecer que os enquadramentos se co-produzem em um processo de mútua referenciação.

Nessa perspectiva, seria válido utilizar a noção de esquema cognitivo para referir-se a objetos singulares ou à relação entre objetos. Quando textos jornalísticos apelam a figuras como do herói, do vilão ou da vítima, ou quando produzem relações de causalidade entre eventos relatados nas notícias, operam no âmbito de esquemas cognitivos. A composição de múltiplas esquematizações em uma forma complexa e consistente engendraria um *frame* cognitivo. Os esquemas seriam da ordem da classificação dos eventos: a editoria “cidades” em um jornal poderia ser tomada como um esquema geral e variações como “trânsito”, “segurança”, “previsão do tempo” seriam sub-esquemas. Scheufele (2006) ressalta a importância de não confundir *frame* com um esquema principal que organiza o relato noticioso. Os sub-esquemas tratam de uma mesma classe de eventos da realidade, e as esquematizações agrupam objetos ou relações diferentes. Assim, o complexo de esquematizações “que dão forma a um *frame* focam em diferentes objetos e relações do mesmo ‘setor’ da realidade” (Scheufele, 2006, p. 66).

A hipótese de Bertram Scheufele é de que seria possível estabelecer uma correlação entre os relatos noticiosos e os *frames* que os jornalistas compartilham e com os quais operam em uma organização jornalística. No nível individual, as esquematizações do jornalista são similares ao esquema das notícias² e funcionam como diretrizes empíricas para identificação posterior de *frames*. Os jornalistas têm uma categoria de “objetos” a serem identificados (eventos, ações, protagonistas etc.) e de relações de causa e consequência dos referentes aos eventos a serem reportados. Como mostraram trabalhos na perspectiva de Tuchman, anteriormente mencionados, as rotinas de produção são determinantes para a caracterização das esquematizações com os quais os jornalistas operam e relativizam a idéia de que as notícias teriam um valor imanente.

Mas o sentido mais abrangente que tem sido utilizado com a noção de *frame* é mesmo aquele derivado da elaboração de Erving Goffman, no quadro mais geral do sócio-interacionismo. Assim, enquadramentos são esquemas interpretativos socialmente construídos que nos permitem reconhecer e situarmo-nos frente a eventos e situações. Em tal perspectiva é que Tuchman (1978) pode conceber a notícia como uma ação negociada

² Como esquema de notícias Scheufele adota a caracterização de Van Dijk (1990), que implica em elementos cognitivos, sintáticos, semânticos e retóricos.

que envolve diferentes agentes na definição de uma situação, a situação de acontecimento-notícia. Tal situação implica diferentes níveis: negociar o que é e o que não é notícia, o que contar e como contar, são processos estruturados por meio do enquadramento.

Tal linha de abordagem ultrapassa as perspectivas mais comuns na análise da notícia, matrizadas que estão por abordagens focadas nos processos sócio-profissionais (como o *newsmaking*, em particular). A notícia é, sobretudo, um bem simbólico que estabelece modalidades de vinculação e interação entre instâncias da produção e da recepção, não podendo ser vista nem de maneira autonomizada dessas instâncias e nem analisada de forma imanente. Contudo, a categoria de *framing* ainda é demasiado abrangente para que possamos verificar em que medida a dimensão do tempo possa operar como parte do enquadramento da notícia.

Dessa maneira, para as pretensões desse artigo, tomamos o *framing* como dimensão empírica de análise que opera no campo da construção dos enquadramentos, um fator interno manifesto tipicamente nos chamados valores notícia. Nesse âmbito, iremos operar com *frame* como uma dada maneira de compreender um tema/assunto organizado por uma idéia mais geral. O *frame* ativa um saber que produz contextos de interpretação e define problemas, diagnostica causas e sugere medidas no interior de um relato jornalístico (De Vreese, 2005; Entman, 1993). É importante lembrar que não se trata de atribuir uma natureza conteudística ao *frame*. Tal objeção, contudo, não é suficiente para encaminhar adequadamente nosso problema metodológico. Será preciso responder questões que sempre assombram as pesquisas nessa área. Van Gorp (2005), por exemplo, questiona se um *frame* é uma característica que pode ser identificada na notícia ou é uma hipótese de trabalho utilizada pelo pesquisador, se o *frame* de alguma maneira já se encontra “encaixado” na realidade que se torna objeto de atenção da cobertura jornalística e de que maneira esse dispositivo de enquadramento “co-ocorre no texto da notícia e formata sublinhando padrões de significação” (Van Gorp, 2005, p.486).

Onde está o frame?

O *frame* não se reduz a uma espécie de *script*, conjunto de instruções que fazem com que se produza ou interprete uma dada notícia segundo certa abordagem, conforme um tipo de história (à maneira da definição das matérias jornalísticas que são de “interesse humano”, *fait divers* etc.). Mas tampouco seria adequado entender que o enquadramento também opere à maneira de um esquema, espécie de “ossatura” interpretativa que simplifica uma avaliação ou gesto explicativo aos seus “elementos essenciais”. Ao pensarmos os enquadramentos, podemos considerar que as notícias operam com estratégias enunciativas recheadas de *media templates* (Kitzinger, 2000) ou moldes midiáticos (Ponte, 2006), que são como chaves, algo que se condensa em um momento decisivo. Por esse caminho, tais *templates*, moldes ou quadros devem ser visados nos diferentes significados de condensar:

um *frame* na notícia, como esquema mais abstrato, torna mais “espessas” algumas perspectivas de abordagem presentes no relato; ao mesmo tempo, encontra-se “liquefeito” no conjunto do material, transborda elementos específicos (está no texto, na palavra isolada, no parágrafo, na citação, no título, na imagem etc.); noutro sentido, o enquadramento pode resumir o essencial para compreensão de uma dada proposição; e, por fim, ele é um conglomerado, uma concentração de elementos que conformam uma notícia.

Mais que “janelas” ou “mapas”, metáforas muito associadas ao *framing*, *medias templates* constituem relevantes aspectos das memórias coletivas e analogias históricas acionadas na construção das matérias, a partir de uma dada percepção que os jornalistas deixam incrustada nas notícias e que tem relação com os esquemas interpretativos supostos às audiências (Ponte, 2006, p. 140). Os *templates* são parte daquilo que chamamos enquadramento. Mas eles incentivam analogias que oferecem uma compreensão particular das notícias e acionam assim determinados *frames* temáticos que operam na construção jornalística. Conforme Kitzinger (2000), estariam em algum lugar entre as metáforas e o caso exemplar, no interior desses enquadramentos que conduzem a produção noticiosa, mas sob a condição de perspectiva dominante – na perspectiva do enquadramento, tanto da percepção dos jornalistas, quanto das imagens construídas no âmbito dos meios e também na dimensão conversacional das interações pessoais. Por isto, usualmente podem ser a abertura da matéria, o “gancho”. Não são um modelo, um padrão, mas operam como alguma coisa que serve como modelo, uma referência. Em síntese, os *media templates* atuam nas notícias como “eventos chave” que: 1) são recuperados para fornecer um quadro de sentido, um contexto para o relato apresentado em uma notícia; 2) atuam como um ponto de comparação para explicar os eventos relatados na notícia; 3) aparecem como significados cristalizados para compreensão de novos eventos (Kitzinger, 2000). Não estamos tomando aqui evento chave por aquele fato que impacta de tal maneira a cobertura que a retira de sua rotina. Nesse caso, as notícias subseqüentes são como que “arrastadas” por esse acontecimento primeiro e fazem parecer que eventos similares estão ocorrendo com maior freqüência. O evento é chave porque abre uma perspectiva de compreensão do relato.

Mas que elementos em uma notícia podem constituir (ou dar a ver) um *template*? É possível uma caracterização empírica que identifique o *molde* na notícia por meio de elementos tais como palavras-chave, tópicos frasais, fontes citadas em uma matéria, imagens fotográficas, títulos etc. Ou seja, todo elemento significativo na estruturação, por exemplo, do discurso do jornal impresso e que atue como nucleador pode ser tomado como um índice para construção de um dispositivo de enquadramento.

É importante, contudo, não reduzir a noção de *templates* aos temas e termos de uma história da notícia, aos conteúdos de sua narrativa. Os *templates* constroem significações particulares aos assuntos abordados numa dada matéria jornalística, mas isso ocorre devido a pontos de vista, ênfases, interpretações particulares que emergem daqueles.

Associar *frames*, e portanto moldes mediáticos, tão somente a assuntos despreza justamente a ação de enquadramento produzida e que se quer enfatizar em tal perspectiva teórica.

Outra modalidade de caracterização dos *frames news* pode ser inferida daquilo que anteriormente chamamos convenções do jornalismo, tais como os valores notícia ou critérios de noticiabilidade. Mas são enquadramentos mais genéricos que os mencionados anteriormente e dirigem a construção da moldura noticiosa a partir de focos (a produção de uma “saliência”, em um primeiro nível) adotados para a abordagem de determinados assuntos.

Por esse viés é que postulamos a temporalidade como um dos *templates* necessários à construção do relato da notícia. As questões que aparecem no mundo social recebem abordagem ou enquadramento dos meios em relação não só à maneira como afetam a experiência social, mas também como se conformam às exigências do ciclo temporal da notícia. O inusitado, o “diferente”, o “novo” são sempre enquadramentos buscados nos assuntos noticiados, ainda que rotineiramente dominem o espectro de cobertura do veículo. Têm maiores atributos de noticiabilidade e, na medida em que não os assegure, rapidamente se tornam, de acordo com o ciclo temporal da notícia, “notícia velha”. Tome-se um evento importante, chave para a caracterização de um acontecimento social. Ele certamente altera os critérios momentâneos de noticiabilidade por sua virulência ou força junto à experiência social. Entretanto, aquilo que em um primeiro momento “dobrou” o enquadramento contumaz, passa a reincidir sobre os processos de seleção de notícia e transforma eventos posteriores em maior destaque, estabelecendo correspondência com o acontecimento “inaugural” e produzindo uma impressão de aumento na frequência e mesmo na valorização de tais ocorrências. O rapto de uma criança nas ruas de uma grande cidade, transformado em matéria de destaque em determinado momento, cria uma força de propagação na cobertura de episódios similares (que de fato ocorrem ou que já ocorreram) e produz uma verdadeira escalada de “roubo de crianças”.

Costuma-se dizer, em tom de crítica ao jornalismo, que os constrangimentos para a produção noticiosa impedem uma percepção articulada das relações significativas entre acontecimentos passados e presentes, de maneira a perceber rupturas ou quebras significativas de padrões que representem tendências novas ou originais. O mundo da produção de notícias requer que se percebam/construam mudanças no dia após dia dos eventos. Uma aparente forma de driblar a pressão do tempo seria a adoção de um padrão mais interpretativo (outro enquadramento) de jornalismo em detrimento de formas mais descritivas e factuais (se não o abandono, ao menos uma relativização das “perguntas” essenciais cristalizadas no lide). Na condição de analista, o jornalista construiria a narrativa jornalística com maior ênfase em referência à origem e aos desdobramentos dos acontecimentos.

Mas, não alterados os constrangimentos organizacionais impostos à produção noticiosa, a que se supor que tal “modelo interpretativo” é então formulado sob as mesmas

bases do factual. Produzir e relatar “interpretação” atendendo ao mesmo ciclo diário de produção noticiosa faz pouco mais do que rever o tempo para capturar os acontecimentos relevantes a serem abordados. A “vida temporal” do acontecimento ganha novas medidas, ao sabor do assunto, do tema, da editoria a que pertence o relato. O campeonato de futebol pode ser diário, se diz das rotinas de treinamento de equipes, bi-semanal se acompanha o esquema de rodadas para disputa das partidas. A política, por sua vez, tem na semana das instituições uma unidade temporal fundamental.

Assim, a notícia trabalha produzindo moldes para os eventos, selecionando aspectos da realidade que se tornaram traços salientes para a interpretação dos agentes (Entman, 1993). O *frame* é um traço da narrativa jornalística e o tempo afeta esse enquadramento na forma mesma desses *frames* operarem na construção da notícia. *Frames* episódicos prevalecem sobre enquadramentos temáticos, conforme a diferenciação de Traquina (2004) entre notícias orientadas para acontecimentos e orientadas para temáticas.

Ainda que o apelo pareça ser fortemente conteudístico, parece-nos que a noção de moldes mediáticos pode oferecer uma chave conceitual interessante para se pensar a problemática temporal na construção da notícia se aproximada de uma noção de enquadramento menos normativa, como propugna Mouillaud (1997).

Nesse sentido, o enquadramento opera de duas maneiras: dá um ponto de vista, como propugna a linha geral de reflexão da *framing research*, mas se apresenta também como um quadro no sentido de ser uma tela, uma cena que recebe e onde se forma uma representação da informação, o acontecimento. “O que faz às vezes de tela na informação é a questão que é colocada” (Mouillaud, 1997, p.47).

Conclusão

Quando uma notícia se vale, então, de expressões da temporalidade como recurso para acionar os conhecimentos prévios necessários à compreensão do que é dito na matéria? Podemos indicar algumas premissas ou perspectivas de análise da *framing research* que nos permitem abordar a *problemática da temporalidade no jornalismo*.

a. Há uma clara proposição de que a construção jornalística da notícia se dá no escopo de enquadramentos, que se fazem presentes na matéria e ajudam a compor seu processo de significação e instigam o leitor a perceber a realidade de maneira similar. A problemática dos efeitos é um dos aspectos que a teoria formula.

b. Podemos pensar nos *news frames* como enquadramentos genéricos que articulam diferentes elementos para compor uma forma de abordagem da realidade, ou como enquadramentos que se voltam para assuntos específicos. São uma espécie de princípio interpretativo que organiza um conjunto de temas.

c. Os elementos que compõem o dispositivo de enquadramento podem ser bastante

diversos, incluindo recursos como metáforas, exemplos, estabelecimento de relações causais, frases feitas etc.

d. Os dispositivos de enquadramentos podem não aparecer explicitamente em um texto noticioso, mas sendo *frames* serão necessariamente acionados no lugar da interpretação. “O próprio *frame* é uma especificação da idéia que conecta diferentes dispositivos de enquadramento e pensamento em uma notícia” (Van Gorp, 2005, p. 487). É um objeto meta-comunicativo da interlocução jornalística, oferecendo ao leitor elementos para compreensão da notícia.

e. A ênfase analítica nos dispositivos de enquadramento operando em um nível específico não nos permite ignorar que, nos diferentes níveis ou “lugares” em que são identificados, os *frames* funcionam de maneira interconectada (Carvalho, 2000). Como estruturas cognitivas, modelos culturais ou esquemas discursivos, eles operam em interdependência. A percepção emerge em um processo de socialização cuja transmissão se dá por meio de práticas discursivas, criadas, modeladas e transformadas no âmbito da cultura.

f. A análise de um enquadramento a partir de um texto jornalístico não pode prender-se à identificação de uma idéia principal sob pena de produzir um reducionismo na compreensão dos processos pelos quais o sentido se constrói na notícia. Dependendo do recorte, uma mesma matéria pode conter em diferentes passagens várias idéias-chave, no interior do próprio material significativo que a compõe. Como sugere Carvalho (2000), o *frame* pode criar uma etiqueta para uma notícia, apagando outros elementos que atuam na construção do significado. Nesse sentido, a noção de enquadramento como perspectiva seria mais adequada do que enquadramento como uma estrutura.

Assim, nos parece mais coerente a definição de *frame* de Van Gorp (2005, p. 503): “uma mensagem meta-comunicativa persistente que especifica o relacionamento entre os elementos conectados em uma notícia particular e desse modo dá às notícias coerência e sentido”. O que nos permite, apoiados na compreensão de Scheufele (2006), entender a temporalidade como uma forma de esquematização (agrupa objetos ou relações de classes diferentes) que, na sua combinação com outras esquematizações temporais, produziria um *frame* genérico, aqui nomeado provisoriamente de temporal, focando objeto e relações diferentes de um mesmo setor da realidade.

Referências

ADAM, Bárbara (2003) ‘Reflexive Modernization Temporalized’. *Theory, Culture & Society*, v.20, n.2, pP.59–78.

CARVALHO, Anabela (2000) ‘Discourse Analysis and Media Texts: a Critical Reading of Analytical Tools’ in ‘International Conference on Logic and Methodology’. *Anais...* Colônia: International Sociology

Association, 2000, Disponível em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3137>> Acesso em 17 de maio de 2004.

CHARAUDEAU, Patrick (2006) *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto.

D'ANGELO, Paul (2002) 'News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: A Response to Entman'. *Journal of Communication*, v.52, n.4, pp.870-888.

DE VREESE, Claes H. (2005) 'News framing: Theory and typology'. *Information Design Journal*, v.13, n.1, pp.51-62.

ELIAS, Norbert (1998) *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ENTMAN, R. B. (1993) Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v.43, n.4, pp.51-58.

GOFFMAN, Erving (1974) *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge: Harvard University.

HARTOG, François (2005) "Time and Heritage". *Museum International*, v. 57, n.3, p.7-18.

KITZINGER, Jenny (2000) 'Media templates: patterns of association and the (re)construction of meaning over time'. *Media, Culture & Society*, v.22, n.1, pp.61-84.

MOUILLAUD, Maurice (1997) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15.

NUNES, Benedito (1998) *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática.

PONTE, Cristina (2005) *Para entender as notícias*. Florianópolis: Insular.

PORTO, Mauro P. (2004) 'Enquadramentos da mídia e política' in Rubim, Antonio Albino (Org.) *Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens*. Salvador: EdUFBa, pp. 73-104.

QUÉRÉ, Louis (1992) ' Interpretação em Sociologia'. *Margem*, São Paulo, n.1, pp.47-62.

SCHEUFELE, Bertram (2006) 'Frames, schemata, and news reporting'. *Communications*, v.31, n.1, pp.65-83.

SCHEUFELE, Dietram A. (1999) 'Framing as a theory of media effects'. *Journal of Communication*, New York, v.49, n.1. pp.103-120.

SCHLESINGER, Philip (1993) Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson. (1993) (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega.p p. 74-90.

_____.(2004) *Teorias do jornalismo – por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.

TUCHMAN, Gaye (2002) 'The production of News', in Jensen, K.B. (Org.) *A Handbook of Media and Communication Research*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp.78-90.

_____.(1993) 'A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas', in Traquina, Nelson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, pp. 74-90.

VAN DIJK, Teun A (1990) *La noticia como discurso*. Barcelona: Ediciones Paidós.

Van Gorp, Baldwin (2005) 'Where is the Frame? Victims and Intruders in the Belgian Press Coverage of the Asylum Issue'. *European Journal of Communication*, v.20, n.4, pp.484-507.

Elton Antunes é doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia, professor da Universidade Federal de Minas Gerais e integrante do Grupo de Pesquisa Imagem e Sociabilidade (Gris).

eantunes@ufmg.br

*Artigo recebido em mes/2009
e aprovado em mes/2009.*